



Sefarad: o ornamento do mundo¹

Sefarad: the Ornament of the World

Wremyr Scliar*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) | Porto Alegre, Brasil

scliar@yahoo.com.br

Resumo: Sefarad, isto é, a Península Ibérica, se torna um território avançada, com as descobertas, mas sobretudo com o testamento árabe e judeu nas ciências, na filosofia e na sua cultura. A bagagem de árabes e judeus tem uma riqueza incomensurável para a Ibéria e que irá se disseminar no Ocidente. A mais importante é a reaproximação com a filosofia grega, mas também com a matemática, a astronomia, a medicina e a arte da navegação (além de muitas outras ciências) são polos transformadores de um povo nativo ainda imerso na barbárie para a sua humanização e a edificação da sociedade ocidental.

Palavras-chave: Sefarad. Judeus. Árabes.

Abstract: Sefarad, that is, the Iberian Peninsula, becomes an advanced territory, with discoveries, but above all with the Arab and Jewish testament in science, philosophy and its culture. The luggage of Arabs and Jews has an immeasurable wealth for Iberia and that will spread in the West. The most important is the rapprochement with Greek philosophy, but also with mathematics, astronomy, medicine and the art of navigation (in addition to many other sciences) are transformative poles of a native people still immersed in barbarism for their humanization and the building of Western society.

Keywords: Sefarad. Jews. Arabs.

A palavra hebraica “Sefarad” designa, a partir dos anos 700 d.C., a Península Ibérica, mais especialmente a região denominada pelos árabes de Al Andaluz, ou Andaluzia, localizada especialmente na região próxima ao Mar Mediterrâneo na Espanha. No entanto, o vocábulo é ainda mais antigo, referindo-se à uma terra longínqua, mencionada pelo rei Abdias em 600 a.C. Para os romanos, em latim, era a *terra finis* e para os árabes, a última fronteira, como era denominada em Córdoba.

¹ Uma versão deste artigo foi apresentada, originalmente, como uma conferência no Instituto Cervantes (Espanha), em agosto 2020.

* Professor, Doutor, Mestre e Especialista em Direito Público (PUCRS) e Presidente do Conselho de Ética do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.



Há comprovações de que, na diáspora, os judeus chegaram anteriormente à época do Sefarad àquela região. Um túmulo com inscrições em hebraico é reconhecido como comprovadamente do século 3 d.C.

Ao tempo do rei Salomão, uma poderosa frota real deve ter navegado até onde se situa Barcelona, sendo provável que muitos judeus tenham ficado naquela região. Outros judeus podem ter ingressado na península pela Galícia. Lendas a respeito de fragmentos da Arca de Noé em Compostela alimentam o mito sobre uma antiga presença judaica na Península Ibérica. Há, ainda, probabilidades da presença de judeus em Alexandria, cuja comunidade judaica rivalizava com a de Jerusalém e a de Babilônia.

Aliás, com o domínio árabe sobre a Babilônia e sobre Bagdá, além da conquista de parte da Península Ibérica, muito judeus devem ter acompanhado os conquistadores em direção à última fronteira. Com a destruição do Segundo Templo, em Jerusalém, em 70 d.C., uma parte da população também emigra, provavelmente, para a Ibéria.

Sefarad é, nesse momento, vários reinos árabes e o mais importante sediado em Córdoba, além de Granada, Toledo, Sevilha. O reino de Córdoba foi o mais poderoso de todos e se torna independente de Bagdá, em razão do seu desenvolvimento econômico, cultural e militar, com suas características mercantis e sua pujança das academias, dos filósofos, matemáticos, médicos e literatos. A população judaica em Córdoba tinha importância e papel semelhante à árabe cordobesa (a pérola do Andaluz).

A predominância árabe na península se inicia no 8 d.C., com a chegada de uma família real expulsa de Bagdá em lutas tribais, iniciando em Granada e Córdoba, uma fase de tolerância e de convivência entre árabes, judeus e cristãos, estes antigos visigodos convertidos.

Esse período, com sete séculos, irá terminar em princípios de 1492, coincidente com as grandes navegações e a descoberta da América. A esse espaço, os judeus se referem como a Idade de Ouro em razão dos longos tempos pacíficos, tolerância e progresso.

Quando os árabes, vindos da região do Marrocos, atravessam o estreito e derrotam os exércitos cristãos, são bem recebidos pelos judeus que já habitavam a Península Ibérica e se coligam aos árabes nos combates aos cristãos. Os árabes traziam uma civilização desenvolvida e avançada. Sua língua era adequada para a filosofia, literatura, inclusive poesia, cânticos e ciências.

Conheciam medicina, astronomia, matemática, álgebra, números arábicos, agricultura, hidráulica, criativos na arquitetura, na decoração e urbanismo, com jardins, fontes, azulejos, saunas e aquedutos que não eram conhecidos do Ocidente.



Os países ocidentais não possuíam línguas, apenas dialetos derivados do latim, sem formação definida, enquanto os árabes conheciam e escreviam sobre filosofia, enormes e organizadas bibliotecas com os manuscritos dos filósofos gregos, notadamente Aristóteles e tinham criado uma filosofia que aproximava, como finalidade, a razão da fé.

Os judeus, que vinham de regiões dominadas pelos árabes, exceto uma parte que aporta diretamente de Israel, eram receptivos a essa múltipla cultura, fundada na Antiguidade clássica, no conhecimento das ciências, na literatura, poesia.

O período clássico grego, como o romano, ficara obscurecido com a queda de Roma e o fim da Grécia. A Igreja mantém a cultura grega segregada nos seus mosteiros, inacessível até mesmo aos nobres (como demonstra *O nome da Rosa*, de Umberto Eco). O conhecimento grego somente voltará a ser reconhecido e estudado com a Renascença.

Enquanto isso, os povos ocidentais não conheciam números, matemática, medicina e sua filosofia era totalmente alheia aos clássicos. Árabes e judeus reintroduzem os clássicos da Antiguidade no Ocidente

Os árabes mantiveram e desenvolveram a cultura dos conhecimentos e da filosofia grega e a utilizaram em amálgama na sua própria filosofia. Os judeus, notadamente de Alexandria, tinham profundos conhecimentos da filosofia grega, destacando-se Fílon de Alexandria, o judeu, o que lhes propiciou uma intimidade com a cultura árabe cultuadora, reflexiva e admiradora da filosofia grega.

Além disso, os judeus falavam rotineiramente o aramaico, uma língua de livre trânsito no Mediterrâneo, enquanto o hebraico era destinado para o culto e o ritual religioso. Com a língua aramaica e no grego, a herança clássica tinha facilidades de absorção e entendimento entre os judeus.

Essa proximidade cultural foi propícia à tolerância e integração. Ela será notável em Toledo, onde a Igreja constituiu uma academia de tradutores; em Córdoba, pela convivência e participação na vida cultural do reino e em Granada, onde os judeus chegaram a participar ativamente da administração, inclusive bélica do reino, alcançando postos de comando e poder.

O resultado, embora períodos de perseguição, é que judeus conviveram com árabes e cristãos, em reinos e sociedades dominados não apenas pela tolerância, mas convivência, inclusão e extensa produção intelectual e desenvolvimento econômico.

Com os cristãos, os judeus ocuparam cargos importantes. Eram médicos, cartógrafos, navegadores, tradutores, intérpretes, conselheiros e administradores e especialistas em finanças dos reinos cristãos, tendo tido influência significativa em Castela e Aragão, além da Toledo cristã.



Vestiam-se os judeus como árabes, adotaram seus nomes (Ibn = filho, em árabe; Ben = filho, em hebraico; Bar = filho, em aramaico). Atraídos pela tolerância, os judeus chegaram à Ibéria e se mantiveram com uma razoável população cujo percentual pode ser estimado em 15% a 25% do total e talvez um pouco mais em Portugal.

As análises científicas indicam que os espanhóis atuais tenham cerca de 25% de sangue judaico, além dos nomes de cidades como Toledo (Toledoth, em hebraico – cidade dos sábios) ou Barcelona (Bar Shalom, filhos da paz, em hebraico).

Contribuiu para essa civilização exemplarmente tolerante a característica monoteísta das três religiões, sua origem comum no Antigo Testamento, a veneração de Abraão e os princípios éticos, morais e legais inscritos na Torá (Pentateuco).

Outro motivo de atração aos judeus, além da primordial tolerância, era a possibilidade de uma vida autônoma, com seus templos e seus bairros (judiarias) e a liberdade religiosa e civil.

A língua hebraica – praticamente reservada ao templo – foi estimulada ao uso cotidiano e traduções de seus livros para o árabe. Os intelectuais árabes ansiosos por conhecimentos e curiosos pela cultura judaica estimularam as traduções e o uso da língua hebraica.

Aqueles judeus que vinham da Mesopotâmia ou Alexandria encontram uma sociedade que lhes era conhecida, acolhedora e da qual se distinguiam apenas pela religião e filosofia.

Da Mesopotâmia, eles trouxeram (chegaram a trasladar?) as academias talmúdicas de Sura e Pumbedita, cujo Talmud era superior ao de Jerusalém.

Sofridos pelas perseguições e escravizações, os judeus tinham por princípio acolher os estrangeiros e escravos fugitivos. Sua principal oração em Pessach afirma o dever de “Lembra-vos de que escravos fostes na terra do Egito”.

Esse princípio encontrava eco na recepção árabe por intermédio do *dimni*, um estatuto legal árabe pela qual os judeus eram considerados hóspedes na terra, tratados como convidados, ainda que seus impostos fossem mais elevados. Mas tinham a liberdade de religião e econômica.

Superada a predominância visigoda, os reinos cristãos também acolhiam os judeus, por sua capacidade e conhecimentos, além de serem financistas das guerras e viagens de descobrimento dos reinos cristãos.

A língua escrita ou falada pelos judeus, como característica dessa integração, era a árabe utilizada mediante letras hebraicas.

Essa extraordinária civilização de convivência de três religiões, que não encontra semelhança em nenhuma região ou período da História, deixa um legado intelectual,



filosófico, científico e arquitetônico que mudará os fundamentos e os destinos do Ocidente.

Duas sinagogas se destacam e ambas em Toledo: Del Trânsito e Santa Maria la Blanca; os símbolos das estrelas de Davi se encontram em inúmeros prédios, ornamentam palácios, inclusive igrejas e mesquitas, assim como inscrições em árabe, espanhol juntamente ao hebraico. Esse curioso aspecto será encontrado, também, nas igrejas de Florença, na denominação da cidade francesa de Bensaçon (Ben Sanson – filho de Sansão) e inclusive em construções recentes, como a estação ferroviária de Sevilha (hoje centro cultural) ornada em todo o perímetro superior com vitral simbolizando a estrela do rei Davi.

Embora na conversão forçada ao catolicismo, os judeus tenham adotado os nomes cristãos dos seus padrinhos na Igreja, alguns nomes tipicamente hebraicos ficaram impregnados na cultura espanhola e portuguesa: Peres, Mendes ou Menendez (corruptela de Moisés) e Ben Saúde, sobrenome da avó de ex-presidente de Portugal e, por fim, o Mont Juif de Barcelona, apenas como exemplos.

Embora abalados periodicamente por invasões de tribos árabes fundamentalistas, sanguinárias que não aceitavam essa convivência, e posteriormente pela Inquisição, as fases pacíficas deram aos judeus oportunidades de desenvolvimento: a imensa maioria dos judeus eram artesãos, ourives, alfaiates, pedreiros, artífices, pequenos tendeiros, uma classe mais humilde. Raramente se dedicavam à agricultura, por motivos de segurança e falta de experiência.

Suas judiarias (bairros) eram regidas por leis judaicas próprias, sinagogas, escolas, governo autônomo, impostos específicos, e inclusive tribunais segundo as leis judaicas.

Fato notável é que mesmo os tribunais cristãos escolhiam judeus para compor as cortes julgadoras ao lado de juízes cristãos. Esse fato jamais foi observado em outros países na história do povo judeu, até a emancipação determinada pela Revolução Francesa e durante as invasões napoleônicas.

Havia uma classe judaica intermediária, com médicos, professores, tradutores. Esses, na academia de tradutores de Toledo, trabalhavam em parceria com os tradutores cristãos e árabes, vertendo os livros reciprocamente de um idioma ao outro, em forma coordenada e em conjunto. Também integravam essa classe média, os escribas e redatores, assim como os cobradores de tributos e os auxiliares da administração municipal e das entidades religiosas das judiarias.

Uma classe aristocrática encimava a comunidade judaica. Viviam nas cortes árabes ou cristãs, nos cargos de embaixador ou vizir de Granada, que também seria comandante militar e poeta; intérpretes, filósofos, conselheiros, financistas, ocupantes de cargos como médico real ou arrecadador real de impostos. Essa integração ocorre em nível elevado na corte de Isabel, e na árabe de Granada, e,



durante algum tempo, em Toledo. Os casamentos entre judeus e árabes eram frequentes, assim como a adoção de nomes, vestuário e hábitos rotineiros árabes.

Exerceram os judeus a usura (o empréstimo a juros), mas seus capitais pertenciam à religião e à realeza cristã, proibidas de mercancia com dinheiro. A Igreja alocava aos judeus que intermediavam empréstimos junto à realeza cristã.

Essa prática, mais as delegações para cobrança de impostos devidos pelos cristãos (os publicanos segundo a *lex romana*) aguçavam um sentimento antijudaico que será apropriado pela Igreja e pela realeza, especialmente durante a Inquisição, cobrando valores extorsivos para proteção, ou impostos para permanecerem na Ibéria, e na fase mais cruel da Inquisição, expropriando os bens de judeus e extinguindo as dívidas da Igreja e dos cristãos, conduzindo-os às masmorras, fogueiras ou expulsão, com o objetivo de domínio econômico e poder político, quando a burguesia espanhola sente-se forte o suficiente para encetar a retomada final da Ibéria – expulsando os povos das duas outras religiões monoteístas.

Sefarad possui um território delimitado quando o critério é a convivência das três religiões monoteístas. Neste, somente onde os árabes exerciam poder político, zona denominada Al-Andaluz, é que se pode identificar uma região de convivência pacífica, tolerância e mais ainda, de aguçado intercâmbio cultural produtivo entre as três religiões, com respeito recíproco e liberdade religiosa. As poucas objeções eram as determinações das autoridades árabes para a vedação de proselitismo religioso ou igrejas e sinagogas com altura superior às igrejas. Essa determinação quanto à altura passaria a vigorar em favor do catolicismo, quando o poder político foi reconquistado pela Espanha católica.

Os judeus, entretanto, inversamente aos árabes, transitavam livremente entre a Espanha católica ou árabe. Em ambos os lados, exerciam suas profissões, praticavam sua religião e, mais importante, por seus líderes destacados, ocupavam funções reais tanto entre os católicos como entre os árabes. Não poucas vezes tiveram funções intermediárias entre as outras duas religiões, inclusive como intérpretes e especialistas

As cidades onde os judeus se destacaram notadamente, portanto, são aquelas que estavam sob governo e hegemonia árabe, para os efeitos da fixação da cultura sefardita, conjugada com a andaluz.

Toledo, a nova Jerusalém, como também era orgulhosamente chamada, próximo do centro geográfico da Ibéria, construída sob um promontório, cercada de defesas e pontes levadiças nas suas portas antigas, é ainda autenticamente medieval.

Abrigou uma academia de tradutores, integrada pelos melhores conhecedores de hebraico, árabe, proto-castelhano, grego e latim. Paralelamente, desenvolveu-se em arquitetura e no artesanato de aço e ouro.



É a cidade de El Greco, cuja casa, hoje museu, foi expropriada do judeu Há Levi. De El Greco, a cidade tem o seu tesouro na pintura sobre madeira denominada “O Enterro do Conde de Orgáz”.

Além da famosa academia de tradutores, mantinha obras em bibliotecas organizadas e de acesso amplo. Criada por iniciativa da Igreja, o rei Alfonso El Sábio era frequentador, quando dialogava com os tradutores. O prestígio da academia atravessava muitas fronteiras e o rei Otto I, da Saxônia, e também rei de Nápoles, enviou seus tradutores para o aprendizado em Toledo, assim como levou outros como contratados para Nápoles para aprimoramento de uma escola real de tradutores. Também ingleses e saxônicos encomendavam traduções à academia toledana, assim como buscavam ensino para seus tradutores.

Toledo não apenas verteu para as línguas recíprocas seus próprios livros, como de Aristóteles traduziu-se do árabe para os demais idiomas. Há ainda outro fato extraordinário: os tradutores chegavam a utilizar intimamente uma língua nova e adaptada para efeitos dos seus trabalhos e que lhes proporcionava maior compreensão dos textos em tradução. Essa língua, eles a denominavam romance: essa será a futura língua castelhana. Nascida de judeus e árabes.

Mais curioso é o episódio narrado por María Rosa Menocal, em *O ornamento do mundo*,² ocorrido nos anos 1.600 quando Toledo já em mãos católicas, vivia a barbárie da inquisição e tinha perdido todo o seu esplendor cultural.

Um viajante, portando um embrulho, entra em Toledo e procura um tradutor de árabe. Indicam um judeu que vivia escondido, protegendo-se da Inquisição. O viajante lhe mostra o manuscrito em lugar longe de curiosos (o encontro ou o texto seriam motivos de processo inquisitório). O judeu lê o manuscrito e diz que se trata de uma popular lenda árabe, explicando o seu conteúdo. O viajante agradece e se retira. Segundo a narradora, o viajante era Cervantes e a lenda referia-se a um personagem que depois ficaria conhecido como D. Quixote.

Córdoba foi a mais importante, sob o aspecto político, cultural e econômico, das cidades do Sefarad. A pérola do Ocidente, por seus palácios, sinagogas, mesquitas e igrejas, aquedutos e notadamente por suas bibliotecas, era o centro intelectual da Ibéria. Capital de um império que rompe com a submissão a Bagdá, seus domínios alcançavam a Índia, passando por Veneza, sua súdita tributária. Deixa de ser a fronteira do reino de Bagdá e assume o centro de um poderoso império.

Dela destacam-se dois personagens, que todavia não se conheceram. Os filósofos Averróis, árabe, e o judeu Moises bem Maiomon, cognominado de Maimônides. Ambos apreciadores de Aristóteles e ambos influenciaram suas respectivas religiões e filosofias, com a confluência da razão, ou da ciência, com a fé. Mas não apenas na

² MENOCA, María Rosa. *O ornamento do mundo*. Trad. Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.



filosofia ou teologia se destaca em Córdoba (Corduba, para os árabes). Medicina, astronomia, literatura, poesia em especial, ciências naturais foram objeto de Maimônides, em obras enciclopédicas.

Menocal afirma que, no século 10, o califa de Córdoba credencia como embaixador o bispo Rocemundo, que representava a cristandade em Constantinopla. Conhecido como Rabi Ibn Zayad, sua missão era visitar e conhecer o principado da Saxônia, governado pelo rei Otto I. A intérprete do encontro na corte é uma freira e poeta de Gandersheim, conhecida como Roswita, ou Howita, posteriormente santificada.

O embaixador começa narrando que o califa possuía uma biblioteca particular com quatrocentos mil volumes correspondentes a seiscentos mil livros. Sua organização perfeita e de amplo acesso ainda contava com um índice em quarenta e quatro volumes. O assombro dos seus ouvintes ficou maior quando o embaixador conta que Córdoba contém outras setenta bibliotecas – todas públicas, com um corpo de setenta tradutores. Para melancolia e desânimo dos hospedeiros reais, principado havia uma única biblioteca, no palácio de Otto I, com apenas e somente sete volumes.

Para Edward Gibson, Córdoba era o santuário do culto do livro e das palavras. Ao voltar, o embaixador traz como presente de Otto I uma fonte de água produzida em Constantinopla ornada com figuras humanas, e um exemplar do livro *Medicina*, completo e ilustrado, do grego Dioscórides, ambos os presentes ofertados por Constantino VII.

De Córdoba, cujo encanto mágico irá atravessar séculos até Federico Garcia Lorca que escreveu: “Córdoba lejano y sola” (Córdoba, longínqua e só).

Sevilha é uma cidade com características distintas de Toledo, que possuía a sua academia de tradutores e sua arte do aço e do ouro; ou de Córdoba, uma metrópole com seus filósofos, seus literatos e poetas, centro político de um império.

Mas em Sevilha conviveram árabes, cristãos e judeus que construíram uma cidade imponente. Sua torre, Giralda, era o prédio mais alto da Europa e, quando os espanhóis conquistam o México, ela era a maior cidade do mundo.

Seu valor arquitetônico e o privilégio do rio Guadalquivir cortando a cidade, demonstram uma capacidade de organização urbana inigualável. Suas mesquitas, igrejas e sinagogas eram prédios avançados, decorados com criatividade, entalhados nas três línguas e com símbolos religiosos das religiões monoteístas. Conviviam em harmonia, respeitavam os bairros e as judiarias, suas leis, seus costumes e, sobretudo, sua religiões.

Em pleno centro de Sevilha, modernamente, se ergue uma antiga estação ferroviária, totalmente em estrutura metálica e decorada com estrelas de Davi. Uma lembrança melancólica, talvez, ou um apelo à lembrança?



Na catedral de Sevilha, antiga mesquita, está a tumba de Ferdinando III, de 1252, com lápide em inscrita em castelhano, latim, árabe e hebraico, seu desejo realizado por Afonso X, patrono dos tradutores de Toledo. Ferdinando foi o primeiro monarca a preferir Sevilha, abandonada pelos árabes e nela instalou a corte.

Em Sevilha, repousa a memória real e perpétua da tolerância para ser contemplada em todos os futuros.

Granada não é apenas uma urbe, mas uma obra de arte, por seus palácios, suas fontes, jardins, templos e pomares. Ela é a mais árabe das cidades andaluzas, junto a Sierra Nevada, em uma topografia elevada com a cor predominante do vermelho espanhol, marca da Espanha.

Bairros como o Albaicin, em lugar elevado, junto às covas onde habitam os ciganos, também marca o espírito da cidade, possui uma fonte árabe cuja água é conduzida em desafio à gravidade.

Em Granada, se constata a predominância arquitetônica árabe, com a sequência das construções e ruelas que lembram as cidades do norte da África, com casas típicas, floridas e pátios frontais internos. Em uma delas morava Garcia Lorca e foi, ali que ocorreu o crime imperdoável, o fuzilamento do poeta; também era seu vizinho Manuel de Falla.

De Falla compôs “El sombrero de três picos”, um poema sinfônico. Cada pico corresponde um dos povos que fizeram Sefarad. A cidade sempre teve um ar de dignidade, musical e de império.

Em Granada, o rei e a rainha cognominados católicos pela Igreja, receberam o judeu Cristóvão Colombo, que tivera o cuidado de incinerar seus documentos pessoais. Desse encontro, o mundo ocidental já não será mais o mesmo. A Idade Média começa a ser vencida.

Na Alhambra, onde se situa o pátio dos leões, suas águas límpidas e serenamente musicais, permite ao observador testemunhar os jardins, os aposentos decorados em azulejos (criação árabe) com desenhos e inscrições das três religiões, assim como o gesso e o madeirame que orna o teto. As diferenças não eram esquecidas, mas conjugadas, harmonizadas, irmanadas e mantidas umas ao lado das outras.

Foi Granada que teve um vizir (governante) judeu chamado Samuel Ibn Nagrila, em realidade, Samuel HaLevi, general, comandante militar vitorioso e, como muitos de sua nação, também poeta. Ele escreveu: “Quem és tu para prestares homenagens?/ Eu sou, respondi, o Davi dos meus tempos”.

Após a queda de Córdoba, a corte árabe se traslada para Granada, onde muito antes, cerca de 750 d.C., os árabes instalaram sua sede real, agora protegida pelas montanhas e com um rei poeta e guerreiro, judeu.

Personagens



Os principais personagens, resumidamente, de Sefard podem ser arrolados em um universo de atividades e criatividade; daí a dificuldade de catalogar essas personalidades.

Samuel HaLevi foi vizir de Granada. Originário de Córdoba, filho de família influente e culta, dominava o árabe e a arte da poesia. Por seu governo, a cidade ganha o título árabe de cidade dos judeus (“Gramatat al Yhud”). Dedicou-se à poesia escrevendo hebraico, até então apenas língua litúrgica, HaLevi a transforma-a em berço de poesia e de cantares. Uma revolução na língua hebraica.

Benjamin de Tudella foi um próspero comerciante, que costumava atravessar as fronteiras entre os três povos. Realizou uma viagem desde Sefarad até a Índia, passando pela França, pela Itália, pela Grécia, atravessando o Mediterrâneo até os países do Oriente Médio, inclusive Israel, de onde viaja ao Índico e, quando retorna, faz um novo caminho pelo Egito. Escreve um livro de viagem, relato minucioso, geográfico, histórico, sociológico e econômico dos lugares que visitou. Em cada um deles, Tudella se preocupa com as comunidades judaicas,³ faz anotações sobre a densidade populacional, hábitos, sinagogas, escolas e dirigentes comunitários. Mas sobretudo, deixa gravado as relações dessas comunidades com os países e povos onde habitavam.

Yehuda HaLevi é de Toledo. Poeta consagrado já em seu tempo. Goethe o julgava como um dos maiores de todos os tempos. Escreveu poesias e filosofia (em árabe, como *O livro da argumentação*) e manteve contato com os khazares, que denominava de “kuzari”. Era um filósofo pragmático, ao afirmar que a poesia rende flores, mas não frutos. Conhece Provença e Alexandria, onde os registros a seu respeito se esgotam.

Samuel Ibn Gabirol foi poeta e o primeiro filósofo não apenas entre os judeus, mas na Ibéria. Exerceu influência na escolástica cristã, conhecido como Avicembrom. Sua criação poética é secular e sua ode a Israel “Coroa Real” foi adotada para o ritual do *Yom Kippur* em muitas comunidades. Heinrich Heine o admirava e a ele se referia como “poeta entre filósofos e filósofo entre poetas”.

Bahya Ibn Pakuda foi um judeu diferenciado em Sefarad. Ele escreveu, em árabe, *Deveres do coração*, recheado de humor, historietas, fábulas e anedotas. Foi traduzido em inúmeras línguas, inclusive em ídiche, falado correntemente pelos judeus na Europa Oriental. Dizia: “As mãos devem fazer caridade. A língua deve falar a verdade. Faltou o coração: ele é a emoção, o fermento do judaísmo”.

A família Ibn Ezra foi notável. O progenitor Jacob ocupou cargos na corte do rei Habus e no salão recebia filósofos e literatos para discussões e troca de ideias. Ele comentou todos os livros bíblicos, publicou um livro sobre gramática e outro sobre

³ O livro *Itinerário* foi, no Brasil, traduzido e comentado por Jacó Guinsburg.



matemática. Seus filhos: Isaac foi poeta e cientista; Judah foi rabino-mor de Castela e comandante exitoso da fortaleza de Calatrava; Moisés foi poeta, criava poemas religiosos e profanos; e Abrahão, o mais curioso dos filhos, se intitulava o mais rico deles, mas era paupérrimo e explicava: “Minha riqueza é o espírito”. Afirmava que Moisés, o profeta e legislador, tinha seu nome derivado de Maniu, palavra copta.

Moisés bem Maimom, Maimônides, vinha de uma família de oito gerações prestigiada de Córdoba. Seu pai era juiz na comunidade judaica, de quem ele foi aluno, tornando-o um erudito que estudou na academia de Lucena, iniciando-se em filosofia, teologia, matemática, astronomia, ciências e física. Nasceu em 30 de março de 1135 e morreu no Cairo em 13 de dezembro de 1204. Conforme seu desejo, foi enterrado em Tiberíades, Israel, onde uma modesta tumba é o seu monumento em terras de outro Moisés. Quando tinha treze anos, a violência antijudaica em Córdoba obrigou a família a se mudar de cidade, numa perambulação de quase onze anos, até decidirem ir para o Marrocos, onde ficaram em Fez por cinco anos. Nessa altura, Maimônides, que escrevia em árabe, já tinha feito suas anotações para projetos de vários livros, cuja redação somente foi concluída após mais de dez anos, quando já morava no Egito. De Fez se dirigem a Israel, onde fazem peregrinação e, já falecido o pai, com seus irmãos, passa a habitar no Cairo. Torna-se rabino da comunidade, mas recusava pagamento de honorários. Quando morre o irmão, que possuía recursos financeiros e o ajudava nas despesas, ele se dedica à medicina. Indicado por um ministro, torna-se médico na corte do Cairo, convidado pelo sultão Saladino. Esse cargo será vitalício e herdado por seu filho. Era responsável pela saúde da família real, o que fazia durante a manhã e em seguida viajava a Fustat (ou velha Cairo) onde tinha consultório e atendia sem cobrar dos seus clientes. Na visão profissional como médico, vive no centro de um episódio que irá ser fundamental para a medicina. Os habitantes dos arredores do palácio foram acometidos de uma doença indefinida e morriam, mas nada acontecia com a saúde dos moradores da corte e serviçais do palácio. Saladino exige uma providência de Maimônides. Ele, durante uma observação, se apercebe que o palácio de Saladino tinha uma fonte de água própria. Deduz que a água da área exterior poderia estar contaminada. E descobre que as águas servidas tinham se infiltrado nos mananciais subterrâneos e contaminado as fontes de água situadas fora do palácio. Oferecendo a água não contaminada aos habitantes da periferia, cessa a causa da mortandade. Com isso, Maimônides passa a ser considerado o primeiro médico sanitariano da História da Medicina. Prossegue com seus estudos e publica duas obras fundamentais em filosofia, além de medicina. Sua literatura inclui muitas cartas em que acolhia consultas sobre temas controversos, respondendo-as (“resposta”). No entanto, o extraordinário em Maimônides é que ele conhecia, desde Sefarad, a obra de Aristóteles, que os árabes possuíam em manuscritos e os judeus já tinham traduzido para o hebraico. Para o Ocidente, a Antiguidade clássica tinha desaparecido, enquistada em mosteiros e negada sua leitura aos interessados. Maimônides também



conhecia os comentários sobre o grego escritos pelo filósofo árabe Averróis, seu contemporâneo de Sefarad, mas com quem ele não teve relações pessoais. Em doze anos, termina um tratado legal sobre a *Torá* e outro de comentários sobre o *Talmude*, ao mesmo tempo em que cataloga e comenta os 613 preceitos normativos, com comentários argutos e diretos. Maimônides é um admirador de Aristóteles, especialmente da sua filosofia da ciência e da racionalidade ou razão para fundamento do conhecimento do universo. Diverge apenas em uma tese, mas essencial. Não considerava, como o grego, o universo perpétuo e permanente, mas uma criação divina.

Em *Guia dos Perplexos*, que na sua tradução para o português exigiu 3 volumes, Maimônides busca criar a aproximação, sem subordinação recíproca, mas harmônica, entre a razão e a religião. Foi criticado por essa tese, na França sofreu excomunhão, proibição e mesmo uma denúncia aos dominicanos da Inquisição, quando o *Guia* foi queimado em praça pública. Texto monumental, escrita em árabe com caracteres hebraicos, esse livro chega ao conhecimento de Tomás de Aquino, que adota seus preceitos gerais em sua *Summa Teológica*, suplantando, assim, a doutrina de Agostinho, que se baseava em Platão. Com isso, a doutrina cristã, a partir dos conhecimentos recolhidos de Aristóteles por Maimônides, torna-se aristotélica.

Além da busca e empenho pela razão, Maimônides expõe outros pensamentos, como o princípio de que o homem é um ser social, vivendo em comunidade, um animal político. O objetivo da lei é realizar a humanidade do homem. Para isso, o governo incumbe aos sábios, inspirados e aperfeiçoados, como profetas. Conhecer Deus não é uma submissão dogmática, mas ética. Preconizava governos justos, que buscassem o bem e a justiça e insistia na educação e nos conhecimentos éticos do judaísmo. Seu humanismo se revela, desse modo, em atitudes pragmáticas: a religião não pode sofrer injunções de preconceitos, magias, adivinhações; não pode desligar-se da realidade nem exasperar interpretações que levem ao irracionalismo. Seu humanismo desaliena o homem e o torna precursor da Renascença e de muitas ideias do Iluminismo. Baruch Spinoza e Albert Einstein serão seus seguidores. Martin Buber dialoga com sua filosofia. É Maimônides, por sua filosofia, mas também por sua ética médica, preocupado com o pensamento e com o corpo, uma verdadeira síntese da época de ouro, e o principal dos personagens daqueles séculos de tolerância. Ele é, assim, um dos “Ornamentos do Mundo”.

Legado

A época de ouro, como os judeus sefarditas se referem àquele período histórico na Ibéria, ou o Ornamento do Mundo, segundo a eloquente expressão de surpresa e homenagem de Roswita na Corte de Otto I ao ouvir a descrição do embaixador de Córdoba, é um legado de judeus, árabes e cristãos sobre a tolerância, convivência, produção filosófica, teológica, arquitetônica, urbana, científica e literária.



Um período distinto da história em que três povos trabalham, refletem, criam e produzem conjuntamente.

Os judeus foram respeitados e admirados nas cortes cristãs e árabes. Somente a barbárie da intolerância religiosa fundamentalista, preconceituosa, excludente e guiada por interesses econômicos ou de poder político ocasionou o fim daquela era. Seu legado, entretanto, ficou.

A Ibéria se torna uma nação avançada, com as descobertas, mas sobretudo com o testamento árabe e judeu nas ciências, na filosofia e na sua cultura. A bagagem de árabes e judeus tem uma riqueza incomensurável para a Ibéria e que irá se disseminar no Ocidente. A mais importante é a reaproximação com a filosofia grega, mas também com a matemática, a astronomia, a medicina e a arte da navegação (além de muitas outras ciências) são polos transformadores de um povo nativo ainda imerso na barbárie para a sua humanização e a edificação da sociedade ocidental.

Quando os judeus são expulsos, eles serão atraídos novamente pelos islâmicos, como para o norte da África, Turquia e seu império e irão se localizar em cidades como Praga, Budapeste, Salônica, Ferrara, Gênova e países como a Holanda, Brasil e regiões como as Antilhas. Levam com eles, o trauma da expulsão, mas mantêm todos os conhecimentos desenvolvidos e hauridos, assim como hábitos, alimentos, e sobretudo a língua carinhosamente denominada de “espanholito”, sua literatura, cantares e poesias na Época de Ouro.

Até seus templos relembram aquela época: a sinagoga de Praga, uma admirável obra arquitetônica, tem a sua denominação universalmente conhecida por “sinagoga espanhola”; a de Amsterdam, como a “sinagoga portuguesa”.

No Brasil, participarão da colonização de Olinda e Recife, onde será erguida a primeira sinagoga da América (Zur Israel) oficiada pelo rabino português-holandês Aboab da Fonseca. Expulsos do nordeste brasileiro, se realocizarão na foz do rio Hudson, onde compram terras holandesas do governador Stuivesan, fundando a Nova Amsterdam, hoje, Nova York.

Os judeus, desse modo, deixam pelo mundo uma multidão de cristãos novos: Oróbio de Castro (que se reconverte) Cristóvão Colombo, San Juan de Ávila, Juan de Mena, Fernando de Rojas, Fray Luis de León, Santa Tereza de Ávila, D. Luis de Góngora y Argote e... Cervantes.

No Brasil, são judeus Fernando de Noronha e Antonio, o judeu, teatrólogo queimado pela Inquisição e, mais recentemente, Jorge Amado e o Ministro da Suprema Corte Luis Roberto Barroso.

Em outros países, assinale-se: Primo Levi (o sobrevivente cujo depoimento literário do Holocausto é o mais relevante). Spinoza, Pissarro, Modigliani e o Juiz da Corte superior norte-americana Benjamin Cardozo.



Na Espanha, é imperioso citar o compositor Joaquin Rodrigo que celebrizou mundialmente Aranjuez.

Em Portugal, o Presidente Sampaio, ao reinaugurar a sinagoga de Lisboa, declarou-se neto de judia dos Açores. Em ato similar, o do rei Juan Carlos que também reconsegrou a sinagoga de Madrid, com paramentos judaicos.

Nessa senda, espanhóis e portugueses figuram entre os Justos entre as nações: Angel Sanz Briz e Aristides de Souza Mendes, assim como os brasileiros Aracy Guimarães Rosa e Luiz Martins de Souza Dantas.

O “ornamento do mundo” é, assim, uma época de outro para se refletir, para ensinar, para mostrar o caminho, para não esquecer.

Recebido em: 20/08/2020.

Aprovado em: 30/08/2020.